

*** O despovoamento das várzeas do município de Parintins: caso de Itaboraí. João Cabral Mourão(*) . Adoréa Albuquerque(**). Universidade do Amazonas.**

A região de Itaboraí apresenta em sua configuração geomorfológica uma faixa de baixos terraços fluviais onde a fertilidade dos solos é constantemente renovada pelo processo de enchente dos rios, que ali depositam componentes nutricionais favoráveis aos cultivos de curto ciclo e o aparecimento de pastagens. Nesta área do médio Amazonas, estes aspectos naturais reúnem especificidades de um espaço natural de importante valor para a sobrevivência da “população ribeirinha”, que por sua vez estabelece relações com a natureza através de atividades como a pesca e a agricultura. Entretanto, nas últimas décadas - pós 60 - o processo de incorporação de terras, tornou-se cada vez mais acentuado através da criação de búfalos por pecuaristas, causando a expulsão da população local. Este fato é observado através das afirmações de TUPIASSÚ e JATENE uma vez que na “Amazônia, os estabelecimentos de 100 ha sofreram uma redução em sua área média de 18,30 ha em 1940, para 17,24 ha em 1975, concomitantemente os que tinham áreas superiores a 100 ha apresentaram no mesmo intervalo de tempo um aumento de 176 mil para 326 mil ha”. Ainda no que diz respeito ao abandono das Várzeas pela população, conforme dados do IBGE, das 38.689 pessoas que habitavam Parintins em 1970, 21627 concentravam-se na área rural, representando 55.9%. Em 1991 de um total de 58.784 habitantes, 41.593, encontraram-se na zona urbana representando 70.7%. Concluindo observamos que pelos dados levantados em nossa pesquisa de um universo de 18 pessoas entrevistadas abandonaram a região de Itaboraí com os seguintes destinos: 55,5% foram para Parintins, 22,2% para Valéria, 16,7% Mamuru e 5,6% para Paraná do Espírito Santo, porque tiveram suas pequenas lavouras destruídas pela expansão da balbalinocultura.

(*) Bolsista de Iniciação Científica

(**) Orientador